

# **BOLSA PIBIC - REITORIA**

## **RELATÓRIO FINAL**

### **AS DIFERENÇAS CULTURAIS NO TELETANDEM**

*Eloisa Raquel de Góis*  
*4º ano, Letras (Português x Alemão)*  
*Bolsista PIBIC – Reitoria UNESP*  
*UNESP – Universidade Estadual Paulista*  
*Faculdade de Ciências e Letras de Assis*

*Orientador: Dr. João Antonio Telles*  
*Departamento de Educação*  
*UNESP - Assis*

**Assis  
2009**

**Índice**

1- Resumo do projeto.....	2
1.1 – A continuação da pesquisa.....	3
1.2 – Resumo da metodologia.....	3
1.3 – Coleta de dados.....	4
1.4 – Participantes da pesquisa.....	5
2 – Bases teóricas.....	7
2.1 – Aprendizagem in-tandem.....	7
2.2 – Teletandem Brasil.....	8
2.3 – Teletandem e Interculturalidade.....	10
2.4 – O papel do “outro”.....	12
2.5 – A visão comum, os estereótipos.....	13
3 – Análise de dados.....	16
3.1 – Entrevista P1.....	16
3.2 – Entrevista P2.....	19
3.3 – Entrevista P3.....	23
4 – Considerações Finais.....	27
5 – Bibliografia.....	30
6 – Anexos.....	33
6.1 – Cronograma de atividades da bolsista.....	33
6.2 – Questionários.....	33
6.3 – Transcrições das entrevistas P1, P2 e P3.....	34

**Índice de Quadros**

Quadro I.....	5
Quadro II.....	33

## **1- RESUMO DO PROJETO**

A aquisição de uma língua estrangeira é muito importante na formação intelectual e cultural de um indivíduo, auxiliando-o na compreensão de línguas e culturas, materna e estrangeiras, pois é versado que uma língua não é formada apenas por estruturas gramaticais, mas por elementos extra-segmentais que se tornam fundamentais para que não haja ruídos na comunicação.

Esse é um detalhe importante e que, geralmente, é ignorado nas aulas de língua estrangeira. Dentro desse cenário, os estudiosos e participantes do projeto Teletandem Brasil acreditam que com ele é possível minimizar esse problema.

O projeto Teletandem Brasil é inovador por proporcionar uma situação de diálogo intercultural entre alunos universitários de países e línguas diferentes, fazendo uso das novas tecnologias, suas ferramentas e aplicativos, tais como o Windows Live Messenger. Porém se distingue de um bate-papo comum, pois é voltado para o ensino/aprendizagem de uma determinada língua estrangeira, fazendo uso da imagem e do som, seguindo uma determinada metodologia para este aprendizado in-tandem, como, por exemplo, os conceitos de autonomia, reciprocidade e não mistura das línguas (VASSALLO & TELLES, 2006).

Este projeto de Iniciação Científica se encaixa na segunda pergunta geral do Projeto Teletandem Brasil, aquela que se refere às diferentes maneiras de interação neste novo contexto de comunicação. As outras duas perguntas dizem respeito, respectivamente, ao uso do Windows Live Messenger pelos alunos e ao papel do mediador/supervisor nesta nova forma de aprendizagem.

Como cada aluno é nativo de um país distinto de seu parceiro, portanto é natural que não haja apenas choque lingüístico, mas também de cultura e costumes, além da presença de preconceitos e estereótipos, tanto pela falta de informação ou por aquelas transmitidas pelos meios de comunicação em massa, que tendem para a generalização de cada povo e suas tradições. Essa barreira intercultural poderá ser quebrada através da prática de Teletandem, uma vez que os parceiros poderão dialogar sobre suas opiniões, suposições e perceber como é verdadeiramente a realidade. Assim, os alunos terão um contato mais profundo com o objeto de estudo, pois é sabido que, para realmente conhecer uma língua, é necessário conhecer a cultura intrínseca a ela.

## 1.1- A CONTINUAÇÃO DA PESQUISA

### Fundamentação teórica

Para a continuação desta pesquisa, mantivemos “existência das manifestações e negociações de significado nos estereótipos e conflitos culturais que ocorrem no contexto do teletandem”. Entretanto, a princípio mudaríamos o enfoque da nacionalidade dos parceiros estrangeiros, ou seja, a partir de 2009 seriam coletados dados de novas parcerias, sendo que trocaríamos os parceiros estrangeiros que seriam da Alemanha e da Itália, não mais da Argentina e do México.

Porém, essa idéia revelou-se inviável, tanto pelo pouco período de tempo disponível para realizar a pesquisa, tanto pela amplitude que o projeto tomaria, apesar das entrevistas terem sido feitas. Foi decidido, então, que os parceiros latinos seriam substituídos, nesta pesquisa, por parceiros alemães, apenas.

O embasamento teórico e a bibliografia seguiram a mesma linha de pensamento do projeto anterior. Para o aprendizado de línguas in-tandem me apoiem nos estudos de VASSALLO & TELLES (2006) e BRAMMERTS&CALVERT (2002). Para o estudo sobre a linguagem, foram utilizados os estudos de BAKHTIN (1986) e PEREIRA (2002) para o apoio teórico sobre estereótipos.

## 1.2 – RESUMO DA METODOLOGIA

A metodologia também foi mantida, ou seja, baseada na análise das entrevistas realizadas com alguns universitários praticantes de Teletandem. Novamente, a idéia inicial era trabalhar com uma nova vertente: esta continuação iria expor o antes e o depois dos conceitos, pré-conceitos e estereótipos mantidos pelos alunos brasileiros que seriam entrevistados. As entrevistas seriam realizadas com os alunos da UNESP **antes** e **após** o primeiro período de interação (12 semanas) entre os pares, para averiguar quais eram os sentimentos destes para com seus futuros parceiros; seus medos, preocupações, objetivos para serem alcançados com as sessões e expectativas em relação a essas e a seus futuros parceiros. Entretanto, essa idéia também se mostrou inexecutável, pois

apenas três novas parcerias de português/alemão foram formadas no primeiro semestre<sup>1</sup>, entre final de abril e início de maio. Sendo que uma parceira brasileira já morou na Alemanha por um ano, não atenderia às necessidades da pesquisa; outro participante brasileiro mudou-se para a Alemanha, interrompendo as sessões de interação.

Restava, assim, apenas uma participante iniciante, o que não seria interessante para a pesquisa, pois não haveria a possibilidade de comparação entre as respostas, portanto, retornamos a idéia original deste projeto. Foram entrevistadas pessoas que já praticam ou praticaram Teletandem português/alemão, que aceitaram fazer parte da pesquisa.

A coleta de dados sobre as diferenças culturais e estereótipos baseava-se em um questionário pré-estabelecido, as entrevistas, com os participantes brasileiros de Teletandem português/alemão, foram gravadas em áudio. Depois foram transcritas e separadas por temas, para uma melhor análise, com a proposta de mostrar como os participantes vêem o “outro”, o participante nativo de outra língua e cultura<sup>2</sup>, e si mesmos, e como lidam com esses novos significados em relação à língua e cultura, provocados pela oportunidade dada pelo Projeto Teletandem Brasil, de colocá-los “frente a frente”.

A fenomenologia, descrição de fenômenos e experiências vividas, e a hermenêutica, interpretação de fenômenos textualizados, foram utilizadas como bases metodológicas qualitativas, conforme a apresentação de Van Manen (1990), que propõe as unir para melhor descrever e interpretar o fenômeno textualizado.

### **1.3 – COLETA DE DADOS**

Foram utilizadas como corpus dessa pesquisa três entrevistas, as outras realizadas não se mostraram úteis para o desenvolvimento do projeto, como dito acima. Cada entrevista durou em média 10 minutos, com apoio de perguntas pré-estruturadas, que se encontram abaixo, e gravadas com um MP4 – Sony Ericson, com exceção de

---

<sup>1</sup> Geralmente, novas parcerias são formadas com maior facilidade em setembro/outubro, ou seja, no início do ano letivo europeu. As parcerias que mais ocorrem no primeiro semestre brasileiro são as continuções daquelas que se iniciaram no ano anterior.

<sup>2</sup> “...as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero” (HALLS, S., 2005, p.60).

uma (P1), que realizou a entrevista por e-mail, visto que já havia terminado o curso e voltado para sua cidade natal.

Na primeira concepção do projeto seriam feitas duas entrevistas, uma antes do início das sessões de interação, e outra 12 semanas após e seu início. Posteriormente a reestruturação do projeto, foi mantido apenas o questionário B (ANEXO), visto que o questionário A se tornara irrelevante para os entrevistados, que já haviam iniciado as sessões há algum tempo. Todas as entrevistas foram guiadas pelo questionário, porém conforme a necessidade outras perguntas elaboradas na hora poderiam ser feitas. As perguntas dos questionários se mantêm iguais ao da pesquisa anterior<sup>3</sup>, tendo como base estudos teóricos, que dizem respeito à linguagem social e estereótipos culturais presentes no aprendizado de uma língua estrangeira, de Bakhtin (2002), Almeida Filho (1998), Pereira (2002) e Byram (1997;) e Woodin (2002).

Os participantes da pesquisa são identificados na entrevista como Parceiro 1 (P1), Parceiro 2 (P2) e Parceiro (3).

#### **1.4 – PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Foram convidadas cinco alunas do curso de Letras para participar da pesquisa, entretanto apenas três concordaram em participar. Na época das interações todas eram graduandas e estudavam o alemão como língua estrangeira, também eram usuárias do Laboratório de Teletandem em Assis, sendo que duas participantes (P1 e P3) também eram monitoras (estagiárias) do Laboratório, ou seja, conviviam sempre perto desse diálogo intercultural, auxiliando os alunos, o que pode ter promovido uma melhor adequação a esse novo contexto de aprendizagem<sup>4</sup>.

Na tabela abaixo se encontram as informações necessárias e relevantes sobre os parceiros, tanto brasileiros quanto alemães, obtidas em sua maioria nas entrevistas, outras em off.

Ao analisar a tabela, chegamos a algumas conclusões. Ao contrário da primeira parte dessa pesquisa, desenvolvida no segundo semestre de 2008 pelo então formando e bolsista Luis Flávio de Souza, não houve nenhum participante do sexo masculino em ambos países, ou seja, todas as parcerias Brasil/Alemanha analisadas

---

<sup>3</sup> Mantendo em mente que esta é uma pesquisa de continuação e substituição de bolsista.

<sup>4</sup> Porém, não se pretende aqui fazer esta análise, abre-se, portanto, um ponto para uma nova pesquisa.

foram femininas, apenas por eventualidade, pois a única parceria com participantes dos dois sexos teve duração de apenas 2 meses.<sup>5</sup>

<b>Alunos participantes da pesquisa</b>							
<b>Alunos</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Ano de curso</b>	<b>Tempo de prática</b>	<b>Nacionalidade do parceiro</b>	<b>Sexo do parceiro</b>	<b>Idade do parceiro</b>
<b>P1</b>	<b>Fem.</b>	<b>23</b>	<b>4º<sup>6</sup></b>	<b>1 ano</b>	<b>Alemã</b>	<b>Fem.</b>	<b>23</b>
<b>P2</b>	<b>Fem.</b>	<b>19</b>	<b>2º</b>	<b>1 ano (com interrupções)</b>	<b>Alemã</b>	<b>Fem.</b>	<b>X</b>
<b>P3</b>	<b>Fem.</b>	<b>20</b>	<b>4º</b>	<b>1 ano e meio</b>	<b>Alemã</b>	<b>Fem.</b>	<b>23</b>

QUADRO 1

Todas as participantes estrangeiras são/eram alemãs, pois falam a variante oficial do alemão, países com a Áustria e a Suíça poderiam ser cogitados, porém sua variante se distingue do alto-alemão (oficial), ensinado nas universidades brasileiras, o que poderia impossibilitar o diálogo, portanto, até o presente momento, apenas faculdades alemãs participam do projeto Teletandem Brasil.

A diferença de idade era ínfima, quatro anos no máximo (P2), um fator que se revelou positivo para a interação entre todas as parcerias. Todas comentaram sobre o bom entrosamento que tinham com suas respectivas parceiras e que sempre tinham assunto, falando ora sobre a língua, ora sobre cultura e costumes, e também sobre a vida universitária, ou seja, tópicos comuns e divergentes, utilizando as sessões para aprenderem aquilo que achavam que faltava na sala de aula.

<sup>5</sup> Novamente, não cabe aqui averiguar a relevância do sexo dos parceiros, deixo apenas um parênteses, que pode, posteriormente, ser pesquisado.

<sup>6</sup> Esta participante já é graduado, porém durante o ano de 2009, quando cursava seu 4º e último ano de faculdade, realizou sessões de Teletandem.

## 2 – BASES TEÓRICAS

Esta seção pretende explicitar as bases teóricas seguidas para as análises do corpus obtido.

Serão discutidos a aprendizagem in-tandem e o Teletandem Brasil, que é uma modalidade daquele, e por conseguinte, características deste último, com apoio, basicamente, dos estudos dos pioneiros nessas áreas VASSALLO & TELLES (2006), para o Teletandem Brasil, e BRAMMERTS&CALVERT (2002), para as modalidades in-tandem.

Para o estudo de Teletandem e interculturalidade, as bases foram os estudos de GODOI (2007) e LUVIZARI (2007). Sobre a linguagem, a dialógica, presença e importância do “outro”, que acredito ser o alicerce da aprendizagem pelo contexto de Teletandem, e os significados sócias serão empregados os estudos de BAKHTIN (1986), DOURADO (2007) e Byram y Zárte (1998). PEREIRA (2002) e seus estudos sobre estereótipos foram utilizados no estudo da última parte da pesquisa.

### 2.1 – APRENDIZAGEM IN-TANDEM

A prática de aprendizagem in-tandem é muito antiga, porém começou a ser estudada cientificamente por Brammerts e por Calverti (2002).

Esse contexto de aprendizagem consiste em duas pessoas de línguas maternas e culturas diferentes se encontrarem<sup>7</sup> a fim de aprenderem a língua materna do outro. Esses diálogos são realizados em um espaço onde ambos se encontrem pessoalmente, podendo assim fazer uma troca de seus conhecimentos, em um contexto autônomo e extraclasse.

Language learning in tandem is **autonomous learning** which does not normally replace language courses but rather arises from such

---

<sup>7</sup> Conhecido como tandem face a face.

courses and often complements them. It serves much the same function as independent preparation and follow-up work at home, learning from foreign language newspapers, books, radio broadcasts, television programmes or videos, and learning through communication with native speakers of the foreign language – during a stay abroad or by communicating with a penfriend, for example. (BRAMMERTS & CALVERT, 1995, p.1)

Cada aluno tem seu turno, seguindo os princípios da autonomia, reciprocidade<sup>8</sup> e não mistura das línguas (VASSALLO & TELLES, 2006), ou seja, cada um dos alunos pode escolher o que quer e/ou precisa aprender com o parceiro, por exemplo, gramática, conversação, diferenças culturais, etc., pontos esses estabelecidos previamente entre os parceiros, que devem dedicar a mesma atenção e empenho no próprio turno e no de seu parceiro. Segundo Brammerts (1995) “*it mostly has to do with learning by communicating in the foreign language, and its effectiveness depends on the communication strategies and learning techniques the student is able to deploy*” (p.1).

Rall (1987) afirma que a situação sociocultural não deve ser separada do ensino da língua, em benefício da proficiência do aprendiz; “*em todo o caso, o aluno está aprendendo a língua dos outros, e o ensino do alheio tem que tratar não só das equivalências e diferenças gramaticais, mas também, e obrigatoriamente, das pragmáticas, do uso sociocultural*” (RALL, 1987 apud GODOI, 2006). É justamente essa característica que diferencia a aprendizagem in-tandem de outros contextos, aqui o aluno aprende com um nativo, que trará consigo uma bagagem de língua e cultura, a qual irá compartilhar com seu parceiro. Portanto, muito mais do que a aprendizagem da gramática normativa irá ocorrer, será um verdadeiro diálogo intercultural, como diz Brammerts (1995) “*As learning in tandem is always based on communication between members of different language communities and cultures, it also facilitates intercultural learning*” (p.1).

Este diálogo nem sempre é fácil, tanto pelas diferenças culturais, mas também pelos papéis desempenhados pelos alunos, “*As both partners experience what it is like to be a learner of a language, they are more likely than other speakers to deal with their partner's problems with a greater sensitivity, patience and understanding*” (p.1), afirma Brammerts (1995).

---

<sup>8</sup> “Principle of Learner Autonomy” e “Principle of Reciprocity”.

Porém, há outros contextos de aprendizagem in-tandem além do tandem face a face<sup>9</sup>. Existe o tandem a distância<sup>10</sup>, que consiste na troca de cartas, e mais atualmente o e-tandem, realizado por e-mail, ambas as formas, porém são incapazes de treino para pronúncia.

## 2.2 – TELETANDEM BRASIL

O Brasil é um país em desenvolvimento de amplitudes enormes, localizado em um continente com vários outros países que, no entanto, falam a mesma língua; o espanhol. As viagens são caras e são poucas as pessoas que têm condições de pagar uma viagem para outro continente a fim de estudar línguas ou mesmo ter a experiência de conhecer algum outro país. Essa condição dificulta a vivência na língua, ao contrário do que existe na Europa, com vários países pequenos vizinhos e com línguas diversas, tornando o convívio com o estrangeiro uma realidade de fácil acesso.

É neste contexto que surge o Teletandem Brasil, que tem com mote “língua estrangeira para todos”. Esse projeto viabiliza um estudo mais profundo de língua e cultura aos universitários, colocando-os em contato com pessoas da língua estrangeira que aprendem na faculdade, através da internet e suas ferramentas, tais como, Windows Live Messenger, Skype, OOVVOO, etc. Segundo Telles, essa incorporação da tecnologia ao ensino é, atualmente, bastante utilizada, provoca mudanças na relação professor/aluno, visto que se difere da metodologia tradicional. Também é um campo em desenvolvimento para pesquisas nas áreas de educação, lingüística e didática, já que se oferece a pesquisar as seguintes propostas:

- (a) o uso que os alunos fazem do aplicativo WLM;
- (b) os diferentes e individuais modos de interação neste novo contexto de comunicação à distância com recursos visuais de um webcam;
- (c) ao novo papel de conselheiro, supervisor, mediador que os professores devem ter para agirem neste novo contexto de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Essas três necessidades são exploradas pelas três perguntas gerais de pesquisa do Projeto Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos (TELLES, 2006). O presente projeto está inserido no escopo da segunda pergunta de pesquisa do Projeto

---

<sup>9</sup> Face-to-face tandem.

<sup>10</sup> Tandem à distance.

Temático FAPESP Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos, da UNESP – Universidade Estadual Paulista.

O Teletandem segue as mesmas premissas do contexto in-tandem, pois é uma de suas modalidades, os princípios de autonomia e reciprocidade, a não mistura das línguas. Como dito acima, a língua é muito mais do que a gramática normativa, pois perde seu sentido quando desvinculada de sua cultura, contudo, ainda é assim que a maioria das aulas de língua estrangeira trabalha, este é o diferencial do Teletandem;

O contato cultural viabilizado pelo *Teletandem* parece notadamente mais intenso e genuíno do que o que é geralmente proposto em contextos tradicionais de estudos de línguas. Entendo-o como mais genuíno, pois os aspectos culturais não são tópicos sobre os quais se fala abstratamente, mas as questões culturais são vividas pelos interagentes em suas ações, estratégias de negociação e objetivos para o processo. Classifico-o como mais intenso porque a variabilidade inerente aos parceiros de Teletandem confere-lhes diferentes agendas e objetivos para o programa que chegam a ser, por vezes, conflitantes dadas as circunstâncias de indivíduos e comunidades diversas com suas especificidades nas mais diversas áreas: lingüística, social, econômica, familiar, entre possivelmente outras. Este processo, portanto, parece gerar amplas oportunidades para o desenvolvimento de habilidades de negociação e gerenciamento de objetos distintos em um esforço conjunto, bem como a tolerância à heterogeneidade no ensino e aprendizagem de língua estrangeira. (LUVIZARI, 2007, p1).

### 2.3 – TELETANDEM E INTERCULTURALIDADE

A diferença cultural enfrentada pelos praticantes de Teletandem, tanto pelos não-praticantes, é uma realidade, e é preciso ser enfrentada para que eles não sofram prejuízos por falta de esclarecimentos, como afirma Dourado (2007), “(...) *a educação lingüística no mundo contemporâneo precisa pensar em como preparar os alunos para um mundo multicultural, promovendo o exercício da cidadania em múltiplos níveis: local, regional, nacional e internacional*” (p. 10), pois é no convívio social com o outro, principalmente com os estrangeiros, que aparecerão as cobranças, revelando as diversidades e falta de preparo, Dourado (2007) afirma que “*é aqui que a diferença entre falante nativo e um estrangeiro se evidencia, na falta de competência pragmática da língua, ou seja, da cultura da LE que os livros didáticos se eximem da responsabilidade de ensinar*” (p. 11).

Por cultura devemos entender não só as artes, mas também o comportamento, costumes e modo de enxergar o mundo de um povo específico, “*o conceito de cultura foi expandido, passando a envolver não apenas a parcela de produção intelectual*

*cultivada no homem, mas também, todo o comportamento aprendido ou adquirido pelo homem em sociedade”* (DOURADO, 2007, p.3).

Nos dias atuais, a globalização força ainda mais o conceito da interculturalidade. Todos podem se conectar a todos em um segundo, tornando cada vez mais evidente a necessidade de um aprendizado que envolva mais do que a língua, como afirma Godoi (2007);

Atualmente, levanta-se mais intensamente e com maior força o problema da relação entre a linguagem e a cultura, dando impulso a novas pesquisas lingüísticas, abrangendo as áreas da semântico-pragmática, psicolingüística, etnolingüística, teoria literária, teoria da comunicação e chegando às ciências da computação, além de criar, cada vez mais, novos “laços” interdisciplinares, antes impensáveis. (GODOI, 2007, p.1).

A prática de Teletandem é muito útil nessa realidade, como complemento para as aulas normais de L2, como afirma Almeida Filho (1998);

a aula de língua estrangeira como um todo pode possibilitar ao aluno não só a sistematização de um novo código lingüístico que o ajudará a se conscientizar do seu próprio, mas também a chance de ocasionalmente se transportar para dentro de outros lugares, outras situações e pessoas. (ALMEIDA FILHO, 1998, p.28).

pois os parceiros discutirão também sobre seu modo de enxergar o mundo. É uma ajuda mútua que poderá evitar vários incidentes, mal-entendidos e dificuldades, os chamados “choques culturais”, para um estrangeiro. Godoi (2007) afirma que;

Muito se lê sobre os chamados “choques culturais” (cf. LEWIS; 1996, BYRAM & FLEMING; 1998, WIERZBICKA; 2001, STORTI; 1993, SELLIN & E.WINTERS; 2000, entre outros), que surgem a partir das divergências de representação e interpretação dos fenômenos do mundo real nas diversas culturas. Coisas simples como telefonar, pegar um táxi, fazer compras, sem falar das situações tão importantes e tão delicadas como as negociações comerciais e políticas: todas elas, sem o conhecimento dos comportamentos culturais adequados, podem provocar conflitos e situações desagradáveis. O que se encontra na base desses choques é a constante comparação (implícita ou explícita) entre o seu e o estranho, e a não-aceitação ativa da especificidade do estranho. Essa não aceitação pode chegar, no caso-limite, a uma intolerância cultural (religiosa, racial, sexual, etc.) (GODOI, 2007, p.1).

Esses mal-entendidos e dificuldades geralmente, não são considerados. Entretanto, eles existem, uma vez que a língua não é apenas rótulo e etiqueta, para nomear as coisas, e gramática, para produzir textos escritos ou orais. A língua traz,

implicitamente, a história de um povo e sutilezas, que por vezes só os próprios nativos entendem, ou seja, o aprendiz compreenderá apenas superficialmente um texto. “*Um dos objetivos ‘nobres’ do ensino intercultural de línguas seria o de despertar e desenvolver a empatia pela comunidade lingüístico-cultural da língua que se aprende*” (GODOI, 2007), e cada povo tem suas especificidades que geram situações desagradáveis que poderiam ser evitadas. Para Godoi (2007),

Atualmente, levanta-se mais intensamente e com maior força o problema da relação entre a linguagem e a cultura, dando impulso a novas pesquisas lingüísticas, abrangendo as áreas da semântico-pragmática, psicolingüística, etnolingüística, teoria literária, teoria da comunicação e chegando às ciências da computação, além de criar, cada vez mais, novos “laços” interdisciplinares, antes impensáveis. (GODOI, 2007, p.1).

Partindo do pressuposto de que a partir do momento que o aluno toma consciência da variedade cultural e suas implicações, é possível criar uma consciência cultural (Byram y Zárate, 1998), a qual deve compreender em mudança de atitude para poder criar e manter uma relação entre as duas culturas; aquisição de novos conceitos, conhecimentos implícitos e explícitos que devem ser aprendidos durante interações; na aprendizagem através da experiência, pois com a prática se aprende mais uma língua; e se propor a interpretar os costumes que lhe eram desconhecidos.

Essas atitudes diante do novo, citadas acima, têm como razão maior o respeito e a tolerância, qualidades muito importantes para o contato interpessoal, e acreditamos que o Teletandem proporciona aos seus participantes situações nas quais possam se deparar com esses dilemas e, assim, desenvolver essas qualidades conscientemente.

Godoi (2007) lembra que

“O mais importante, portanto, é observar e registrar - respeitando sempre! – como esse fenômeno é representado na mentalidade nacional da comunidade da língua que se estuda” e que “uma comunicação eficaz depende do conhecimento do mundo compartilhado” (GODOI, 2007, p.1).

## **2.4 – O PAPEL DO “OUTRO”**

O diálogo é o instrumento de trabalho nas sessões de Teletandem, assim sendo, importantíssimo para os participantes e pesquisadores. É através do diálogo que o primeiro ou segundo contato, negociações (princípios da autonomia e reciprocidade) e interações acontecem, é também por meio dele, que conflitos, gerados às vezes por ele mesmo, podem ser resolvidos. Portanto, alguns cuidados são indispensáveis, para não

causar impressões equivocadas e comprometer uma nova parceria. Desta maneira, afirma Dourado (2007);

“Todavia se, à luz de estudos lingüísticos de base bakhtiniana, deslocarmos a visão de língua como instrumento ou reflexo de pensamento para língua como forma de interação social, dois aspectos cruciais emergem. O primeiro é que essa forma de conceber a língua abarca o que Garcez chama de cultura invisível, i.e., forma de ver, ser, agir e pensar o mundo, a qual se constrói nas e pelas práticas discursivas, sendo, portanto, constitutiva da língua e vice-versa. Em consequência, o segundo aspecto é a necessidade de compreensão na comunicação intercultural. A indissociabilidade entre língua e cultura é cada vez mais visível no mundo globalizado, no qual urge uma educação intercultural, em que cultura e língua caminhem lado a lado como fatores fundamentais na promoção de uma convivência compartilhada no planeta. (DOURADO, 2007, p.2).

Mantendo essa concepção e as hipóteses da pesquisa anterior (espanhol/português) de que, no contexto de teletandem, o aprendizado cultural e lingüístico da L2 depende do reconhecimento do “outro” e que os obstáculos de língua e cultura podem ser superados por meio das negociações de significados através da dialógica, gerando conhecimento para ambas as partes, tivemos como objetivo apontar as manifestações reais dessas hipóteses em sessões de teletandem realizadas no Laboratório de Teletandem de Assis apontar a realidade dessas hipóteses, dessa vez, entre os praticantes de Teletandem alemão/português. Para tal mantivemos como apoio teórico os estudos de Bakhtin, sobre o princípio dialógico e a alteridade na linguagem, “Um sentido só revela as suas profundidades encontrando-se e contactando com outro, com o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas” (BAKHTIN, 2003, p. 366).

Para Bakhtin (1986), o diálogo só pode existir entre duas ou mais vozes (o EU e o OUTRO), sendo intrínseco a ele as cargas sociais, culturais, etc., no nosso caso, dentro do contexto de Teletandem, com duas pessoas de diferentes nações, no qual tudo dependerá de como o par negociará seus objetivos e diferenças, mantendo em vista como dizer e como interpretar. “Essa orientação da palavra é muito importante. Na verdade, toda palavra contém duas faces. Isto é determinado pelo fato de que ela procede de alguém assim como pelo fato de que é direcionada a alguém. É o produto da interação entre falante e ouvinte.” (BAKHTIN, 1986, p.113).

Com essa interação, propõe o projeto Teletandem Brasil a criação, por parte dos participantes, de uma consciência intercultural, transcendendo estereótipos,

conflitos culturais e ideológicos, lançando mão, assim, da carga social inata à linguagem. Pois para Bakhtin, a visão de mundo do homem é formada pelos discursos que ele assimila, os quais são, na maioria das vezes, reproduzidos em sua fala, e dentro desses discursos são encontrados os signos, que são fenômenos do mundo exterior, segundo Bakhtin, tendo os efeitos peculiares do signo na experiência exterior, ações, reações, etc. A “experiência exterior” está presente também nas interações de Teletandem, já que é totalmente dependente da dialógica, e através de análises podemos descobrir como os pares lidam com isso, se estão preparados ou não.

## 2.5 – A VISÃO COMUM, OS ESTEREÓTIPOS

Os estereótipos estão presentes todos os dias na vida das pessoas, apesar de poucas saberem o que são e o que representam. Segundo o Dicionário Aurélio, estereótipo é um clichê, transformar em uma forma compacta, assim sendo, pode ser considerada uma forma de discriminação e preconceito, que tem como fatores de formação processos cognitivos, sociais, motivacionais, culturais e cognitivos.

Para Hall (2005), “as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero”, pois, atualmente, uma nação não é “composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As *nações modernas são, toda, híbridas culturais*”, todas essas características são passíveis de estereotipia, bastando apenas a sua generalização, obtida através da observação de comportamentos repetitivos (PEREIRA, 2002), podendo se encaixar em três categorias diferentes: nível individual, no qual o próprio indivíduo utiliza dos estereótipos para justificar a si mesmo e aos outros os seus atos; nível contextual, no qual são estereotipadas as ações do grupo, e nível geral, nível mais amplo, justifica as estruturas da sociedade.

Entretanto, segundo GILROY (1992),

Enfrentamos, de forma crescente, um racismo que evita ser reconhecido como tal, porque é capaz de alinhar ‘raça’ com nacionalidade, patriotismo e nacionalismo. Um racismo que tomou uma distância necessária das grosseiras idéias de inferioridade e superioridade biológica da nação como uma comunidade cultural unificada. (GILROY, 1992, p.87).

Considerando todas essas afirmações, podemos supor que dentro de uma parceria, não apenas de Teletandem, mas dentro dela também, seja natural que em algum momento o “choque cultural” aponte alguns estereótipos, que foram construídos

dentro de cada sociedade, já que é composta principalmente pelo elemento dialógico, entre dois países tão diferentes, em nível de desenvolvimento, cultura, história e até localização, como Brasil e Alemanha. Como afirma Hall (2005),

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, S. 2005, p.47).

O choque, o estranhamento, causado pelo encontro com o “outro” pode promover a revelação das concepções reais de cada participante. Conforme PEREIRA (2002),

O outro poderia ser qualquer um, inclusive o próprio observador em outra situação, e geralmente a análise do outro é feita por concepções errôneas, conferindo uma avaliação negativa. Várias anedotas étnicas são analisadas em termos sociológicos, delineando-se limites geográficos, sociais e morais de nações ou grupos, que refletem valores e normas. (...) há uma tendência sistemática na autovalorização e na valorização do próprio grupo, concomitante a uma desvalorização do outro, mas não há consenso de como ou por que isso ocorre. (PEREIRA, 2002 apud GUERRA, 2002, p.1).

Deste modo, podemos supor que a interação realizada com a consciência de que existem as diferenças culturais, que haverá o “choque cultural”, e que alguns preconceitos em relação ao “outro” e aos seus costumes podem ser refletidos pelos estereótipos, é necessário (mesmo que não seja inteiramente suficiente e que não se garanta o sucesso) que se empregue o respeito mútuo, como preconiza o Projeto Teletandem, para que, então, as sessões consigam aumentar a consciência crítica e intercultural dos participantes, *“A idéia defendida é que tanto se alimentam discriminação e preconceito utilizando-se fatores sociais, afetivos, e cognitivos, quanto se diminuem com métodos, como a hipótese do contato e a redução da ignorância”* (PEREIRA, 2002 apud GUERRA, 2002, p.1), o que diferenciaria muito o contexto de aprendizagem Teletandem das aulas comuns de L2 e melhoraria o desempenho real do aluno, em uma situação de contato, como afirma Dourado (2007),

adotar o conceito de língua como forma de interação implica conceber língua e cultura como constitutivas uma da outra, algo invisível, pragmaticamente construído na interação social, e, como tal, objeto de

reflexão lingüística no processo de educação lingüística comprometido com a formação de falantes que vivem e precisam interagir em um mundo cada vez mais globalizado. (DOURADO, 2007, p.11).

Para que o conhecimento sobre algum outro grupo social não se limite a estereótipos, principalmente de (futuros) professores de língua estrangeira, como no caso do Projeto Teletandem, não se deve restringir a comunidade às informações retratadas pelos meios de comunicação em massa apenas (PEREIRA, 2002), e acreditamos que colocar duas pessoas de nacionalidades diferentes contribuirá para a diminuição da ignorância sobre a qual se estruturam os estereótipos.

### 3 – ANÁLISE DOS DADOS

Com o apoio das teorias acima brevemente apresentadas, nesta seção ocorrerá a análise dos dados recolhidos para realizar-se essa pesquisa científica, baseada na pesquisa anterior entre parcerias português/espanhol de Teletandem.

Desta vez analisando parcerias português/alemão, pretende-se investigar qual o papel desempenhado pelo contexto Teletandem na desmistificação dos estereótipos.

A troca de nacionalidades dos participantes teve como objetivo verificar:

*(a) se os estereótipos culturais existem com a mesma força, já que a cultura destes novos parceiros é ainda mais distante da cultura brasileira, tanto pelo fato de provirem da cultura anglo-saxônica e se localizarem em um outro continente, mais antigo que o nosso;*

*(b) uma vez existindo tais estereótipos, quais são eles e como são manifestados durante as atividades de teletandem?*

*(c) de que modo os pares refletem e negociam os significados desses estereótipos durante as atividades de teletandem?*

*(d) qual o papel do contexto de aprendizagem virtual do teletandem na propagação e/ou transcendência de tais estereótipos por parte dos pares participantes?*

Como dito no início, cada caso (P1, P2 e P3) foi realizado a parte, para se manter a relevância de cada um. Depois de feitas as transcrições as partes das entrevistas foram divididas em temas, para auxiliar em sua interpretação.

O corpus obtido nesta pesquisa e suas respectivas interpretações também têm como objetivo auxiliar os orientadores<sup>11</sup> do Laboratório de Teletandem<sup>12</sup> na UNESP, campus de Assis; inspirar a reflexão sobre os conflitos culturais, o conhecimento de estereótipos e suas implicações para o estudante (futuro professor) de Letras, a fim de contribuir para a sua formação.

### **3.1 – ENTREVISTA P1**

A entrevistada P1 já é formada em Letras, porém ainda cursava o 4º ano quando realizava as interações de Teletandem com sua parceira alemã.

Foram abordados durante a entrevista os seguintes tópicos:

- Relacionamento com a parceira;
- Assuntos discutidos durante as interações;
- Conflitos culturais;
- Visão que a parceira tinha do Brasil;
- Visão que ela tinha da Alemanha;
- Estereótipos, mesmo sem saber sobre o que exatamente era a pesquisa, a entrevistada tocou no ponto dos estereótipos.

P1 foi sucinta visto que respondeu o questionário via e-mail, contudo, suas respostas eram objetivas, claras e pertinentes à pesquisa. Quando questionada sobre seu relacionamento com a parceira, afirmou que gostava muito de “fazer Teletandem” com ela, pois elas haviam se entrosado bastante, sendo que ambas eram universitárias, fato que favoreceu o aumento da afetividade entre elas:

---

<sup>11</sup> Orientadores são os alunos de estágio voluntário do Laboratório, que auxiliam os usuários do mesmo.

<sup>12</sup> Laboratório instalado em dezembro de 2007, com auxílio da FAPESP - (Proj. 2006/03204-5).

“Era ótima [a relação]! Todas as interações eram feitas em total clima de descontração”.

Entrevista P1, *linha 8*.

No início da entrevista tem-se a impressão de que ambas tinham como objetivo apenas o aprendizado da L2:

“Buscávamos a maneira mais divertida possível de esclarecer as dúvidas em qualquer que fosse a L.E.”

Entrevista P1, *linhas 9 e 10*.

Entretanto, na próxima pergunta essa impressão foi quebrada:

“Sou professora de L.E., portanto tudo o que possa melhorar meu desempenho no idioma é útil. Além do mais, aprender e aprimorar meus conhecimentos numa L.E. contribui para o conhecimento de novas culturas”.

Entrevista P1, *linhas 12, 13 e 14*.

Por esse trecho percebemos que, embora P1 não dê muita importância diretamente à cultura da língua estrangeira que leciona, tem consciência da importância da prática e do conhecimento de cultura em geral.

Os assuntos abordados por essa parceria eram os assuntos comuns nas interações gerais<sup>13</sup> de Teletandem:

“[Falávamos] sobre tudo. Falávamos sobre o cotidiano, sobre nossas vidas, sobre hábitos, convergências e divergências entre Brasil e a Alemanha”.

Entrevista P1, *linhas 19 e 20*.

Nota-se, então, um interesse mútuo sobre a cultura da nova língua aprendida. Esse interesse, por parte da parceira alemã, espantou P1:

---

<sup>13</sup> Pressuposição da autora, baseada em sua experiência de um ano e meio como orientadora no Laboratório de Teletandem, no qual manteve bastante contato com os usuários do mesmo, e também em sua própria experiência de participar de uma parceria português/alemão.

“O que mais me chamou atenção em minha parceira foi que desde a primeira interação o estereótipo de que os alemães são pessoas 'frias' foi quebrado. Os alemães são tão receptivos quanto qualquer outro povo”.

Entrevista P1, *linhas 24, 25 e 26.*

É muito interessante notar que a própria entrevistada assume a visão que tinha sobre o modo de ser da outra cultura (alemã) era um estereótipo, pois enxergava todos os alemães como “pessoas frias”, mesmo sem ter tido contato direto com os alemães em seu ambiente nativo. Neste caso particular o contexto de aprendizagem por Teletandem ajudou na quebra de um estereótipo contextual, de acordo com a teoria de Pereira (2002), porém com um desfecho particular; a troca de um estereótipo por outro de nível ainda maior, o estereótipo geral:

“Os alemães são tão receptivos quanto qualquer outro povo”.

Entrevista P1, *linhas 25 e 26.*

Por essa afirmação, a entrevistada, não apenas, muda o “rótulo” que dava aos alemães, como, também, confere a (todos) outros povos o mesmo “rótulo”, de serem receptivos. Mesmo que sem a intenção de tal afirmação, é essa a interpretação que se pode fazer; a generalização de todos os povos, até mesmo aqueles que ela não conhece pessoalmente, ou por meios de comunicação, ou ouviu falar, entretanto esse “rótulo” específico parece não conter uma carga semântica negativa segundo a visão de P1.

O enfoque da instalação do estereótipo observa que pessoas, inicialmente, imaginam e definem o mundo e em seguida o observam. A interpretação estaria fundamentalmente associada à cultura, que determinaria de forma estereotipada a noção interna sobre o mundo externo (PEREIRA, 2002 apud GUERRA, 2002, p.1),

Este caso é um exemplo típico. P1 imagina os outros povos do mundo como “tão abertos quanto os brasileiros”, outro estereótipo, ou seja, sua visão inicial e final são comprometidas graças à influência dos estereótipos.

P1 também relata que o assunto favorito de sua parceira era a vida universitária e que mesmo apesar das diferenças entre as duas culturas, que ela mesma aborda, nunca se espantou com qualquer comentário de sua parceira, sendo assim,

nunca enfrentou uma situação de conflito cultural, que precisasse de negociações para ser resolvida.

Como resultados que a prática de Teletandem teve para a sua formação como professora de língua estrangeira P1 afirma:

“Aprendi a ter desenvoltura na comunicação com um estrangeiro e a buscar novas formas de estabelecer tal comunicação”.

Entrevista P1, *linhas 34 e 35*.

Ou seja, a entrevistada percebeu que existe uma diferença do diálogo comum para o diálogo com um estrangeiro, que requer cuidados e atenção, no intuito de evitar conflitos, seja pelas próprias diferenças culturais, seja por mal-entendidos, e que apenas na prática com uma nativa ela conseguiu desenvolver essa capacidade, além de guiá-la no sentido de procurar novas maneiras de aproximação, que, por conseguinte aprimora o seu desempenho como falante e como professora de alemão, assim como professora de português.

### **3.2 – ENTREVISTA P2**

A entrevista com P2 foi a mais longa, pois ela se mostrou disposta a ser detalhista em suas respostas, embora de ser a mais nova entre as entrevistas e cursar o 2º ano de Letras. Os seguintes assuntos foram abordados com ela:

- Troca de parceira;
- Relacionamento com as parceiras;
- Assuntos discutidos durante as interações;
- Conflitos culturais;
- Visão que a parceira tinha do Brasil;
- Visão que ela tinha da Alemanha;
- Estereótipos, novamente, mesmo sem saber sobre o que exatamente era a pesquisa, a entrevistada tocou no ponto dos estereótipos.

Ao contrário de P1 e P3, P2 não manteve a mesma parceira desde o início, pois ela e sua parceira tiveram dificuldades em achar horários compatíveis, sua nova

parceira é universitária, assim como a antiga, tendo sido recomendada por ela. P2 É, também, a única que ainda mantém interações em Teletandem.

Sobre seu relacionamento com suas duas parceiras P2 afirmou que:

“A primeira parceira deu tudo certo, assim, questão de horário, em questão de afinidade, a gente estava indo muito bem, só que o problema é que ela começou a trabalhar o dia inteiro e não tinha mais tempo de fazer Tandem, Teletandem, aí a gente conversou e chegou num acordo que não dava mais para fazer. A sorte é que ela tinha uma amiga, que também estudava na mesma universidade e ela me indicou essa amiga, para fazer Teletandem, É...está legal também, gostei, estava com medo, por eu ter muita afinidade com a outra, com essa nova não conseguir interagir muito bem, mas está dando tudo certo”.

Entrevista P2, *linhas 4 à 10*.

O excerto, acima, aponta para a importância da afetividade e da confiança no parceiro. Está ligado à hipótese proposta por Krashen (1982),

(...)Those whose attitudes are not optimal for second language acquisition will not only tend to seek less input, but they will also have a high or strong Affective Filter – even if they understand the message, the input will not reach that part of the brain responsible for language acquisition, or the language acquisition device, Those with attitudes more conducive to second language acquisition will not only seek and obtain more input, they will also have a lower or weaker, filter. They will be more open to the input, and it will strike “deeper” (Stevick, 1976). (Krashen, 1982, p. 31)

Era esse o medo da entrevistada, do sucesso de sua parceria antiga influenciar no desempenho dessa nova parceria. Porém, após conhecer sua nova parceira e criar um relacionamento com confiança, seu medo perdeu a razão de ser, ainda assim, é possível escutar em seu tom de voz uma preferência pela antiga parceira.

Quando questionada sobre o seu objetivo em aprender alemão, respondeu prontamente

“poder dar aula, porque eu... me identifiquei muito com a língua (...) e poder fazer projetos também com isso, meu projeto científico, ele é meio teatro, meio alemão também”.

Entrevista P2, *linhas 17 e 18.*

Suas parceiras também tinham objetivos profissionais, segundo P2:

“elas também fazem tradução, então elas já estudam português lá, então para praticar né, tanto... não só vocabulário, tal, melhorar a gramática”.

Entrevista P2, *linhas 20 e 21.*

A cultura aqui é posta em segundo plano, como se não fizesse parte da língua. Porém, na sua resposta sobre quais assuntos discutiam nas interações, P1 voltou a atenção para a cultura e modo de vida:

“[Falamos sobre] Vida universitária! (risos) As diferenças daqui e de lá, assim, a minha primeira parceira... a gente, às vezes, combinava tema... é, a gente já falou de literatura, tal, mas agora essa nova parceira, a gente fala muito de vida acadêmica, as coisas que acontecem na universidade, as coisas que acontecem aqui e lá”, “Comida (risos). A gente falou bastante de comida, de música também, era mais isso que eles gostavam de saber”.

Entrevista P2, *linhas 23 à 26 e linhas 43 e 44.*

Discutindo sobre temas presente na vida de ambas, tornam a conversa mais agradável e instrutiva, pois aos poucos vão descobrindo as diferenças no modo de ser, pensar e agir entre os dois países. Como afirma Rall (1987), “*em todo o caso, o aluno está aprendendo a língua dos outros, e o ensino do alheio tem que tratar não só das equivalências e diferenças gramaticais, mas também, e obrigatoriamente, das pragmáticas, do uso sociocultural e das relações socioculturais*” (p.1).

É muito importante frisar que, assim como P1, a própria entrevistada tocou no assunto de estereótipos:

“Eu gosto muito da literatura alemã, que eu estou começando a ler agora, está me interessando mais ainda, e o costume, os costumes, que são bem diferentes dos nossos”

Entrevista P2, *linhas 34 e 35.*

Quando indagada sobre essas divergências respondeu:

“Eu acho que é um pouco do estereótipo mesmo, que a gente tem, tem muita coisa que é verdadeiro, que a gente acha que é estereotipo, mas é muito verdadeiro, um pouco da frieza, assim, deles, em relação ao brasileiro que é feliz, contente. Eles são mais frios, assim, eu achei”.

Entrevista P2, *linhas 38 á 41.*

Um ponto de vista totalmente diferente de P1, que estereotipou os alemães justamente ao contrário, como já visto acima.

P2 afirmou que não teve nenhum conflito com qualquer uma das parceiras;

“Elas têm uma visão bem realista mesmo, minhas duas parceiras”.

Entrevista P2, *linhas 49 e 50.*

Contudo essa visão realista não foi construída por meios de comunicação em massa; facilitando a ruptura da visão estereotipada que tinham ou poderiam ter.

“A primeira veio [para o Brasil], ficou um ano aqui, então ela já sabe bem o quê é o Brasil. A outra não, mas elas têm professores brasileiros né, então, mais fácil, abre os horizontes”.

Entrevista P2, *linhas 52 à 54.*

Sobre a influência do Teletandem em sua formação como professora disse:

“Ow, é...foi bem...é eu não dou aula de alemão ainda né, mas mesmo na fala, na questão de fala, me ajudaram muito a ....a saber organizar as frases, assim, que como eu estou no começo ainda é bem complicado, mas ajudou muito na organização, e prestar muita atenção no que eles falam. A primeira ela tinha uma didática bem legal, mesmo

eu não querendo...mesmo eu não dando idéia, ela já me passava, ‘não, semana que vem vou te mandar uma música para gente ver , ou estruturas dos textos’, tal. A primeira tinha uma didática bem melhor”.

Entrevista P2, *linhas 57 à 63*.

Revelando, novamente, a hipótese de Krashen (1982) sobre afetividade, P2 ainda não se vê como professora, a despeito de estar estudando para tal. Entretanto sentiu que a prática de Teletandem lhe deu um bom apoio para o desenrolar de seus estudos na língua, entretanto não se ateu tanto a aspectos culturais.

### 3.3 – ENTREVISTA P3

A terceira e última entrevista analisada é de uma aluna graduanda em Letras, foi a primeira a iniciar as sessões de Teletandem em relação às outras duas entrevistadas.

Os tópicos abordados com P3 foram os mesmos, com algumas diferenças conforme suas respostas:

- Relacionamento com a parceira;
- Motivo de interrupção das sessões;
- Assuntos discutidos durante as interações;
- Visão que a parceira tinha do Brasil;
- Visão que ela tinha da Alemanha;
- Cuidado para evitar conflitos entre as parceiras;
- Contribuição do Teletandem em sua formação como professora.

Os laços criados nessa parceria de Teletandem foram muito além de um relacionamento para estudos. A resposta de P3 a relação com sua parceira mostra isso claramente:

“A relação com meu parceiro sempre foi ótima! Enquanto fazíamos teletandem fomos construindo uma amizade muito grande. E hoje já nos tornamos amigas. Sempre que ela precisa de algo eu tento ajudá-la e vive-versa. Durante a estadia dela no Brasil ela veio algumas vezes na minha casa e pretende voltar ainda”.

Entrevista P3, *linhas 9 à 14.*

A amizade possibilitada pela prática de Teletandem, hoje, consiste em um ponto de apoio mútuo, ou seja, elas mantiveram, de certa forma, o princípio da reciprocidade, proposto pelo Projeto.

Neste par específico os objetivos eram lingüísticos, conforme informou a entrevistada. Quando indagada sobre seus motivos para praticar Teletandem em alemão, P3 respondeu:

“Tenho interesse em aprender alemão para fins profissionais, dar aula da língua e ir para a Alemanha”.

Entrevista P3, *linhas 16 e 17.*

Apesar de estar quase formada em Letras, e ter estudado sobre língua e cultura, P3 exclui de suas respostas o caráter cultural que pode ser abordado através do Teletandem, mesmo com anseio de viajar para Alemanha, não tinha como objetivo maior aprender sobre a cultura.

Do outro lado da parceria o mesmo ocorreu:

“Ela [a parceira] trabalha com tradução em português e tinha interesse em vir para o Brasil”.

Entrevista P3, *linha 19.*

Novamente, o fator cultural não tinha lugar de destaque, mesmo com uma possível viagem para o Brasil. Critico esse posicionamento de ambas apoiada pela afirmação de Godoi (2007) de que “*uma comunicação eficaz depende do conhecimento do mundo compartilhado*” (p.1), e se ambas pretendiam viajar para outros países, precisariam desse “conhecimento de mundo compartilhado”.

Apesar da aprendizagem cultural não ser o principal foco, não significa que foi totalmente das interações, é o que nos parece com a seguinte afirmação de P3:

“[Conversávamos] Sobre datas comemorativas, questões culturais, gramática e sobre temas que surgiam durante as interações”.

Entrevista P3, *linhas 21 e 22.*

É possível interpretar por essa resposta que a preparação de conteúdo não tinha grande importância para as parceiras, porém, também se subentende de que respeitavam os princípios de autonomia e reciprocidade, pois conversavam de forma casual sobre os assuntos citados acima. Sobre as preferências de assuntos de sua parceira, disse:

“Sobre tudo, assuntos culturais, literatura”.

Entrevista P3, *linha 28.*

Sobre algo que chamou a atenção de P3 em relação a sua parceria, citou o seguinte

“Eles parecem ser muito responsáveis, pontuais”.

Entrevista P3, *linha 26.*

Essa não parece, à primeira vista, ser uma afirmação estereotipada, pois ela observou esses pontos durante seu contato com uma nativa alemã, contudo ela generaliza os alemães (“eles”) por uma experiência individual. Este é um estereótipo, sobre os europeus, presente na cultura brasileira, e P3 talvez não enxergue essa realidade, pois o fato de ter interagido com um nativo pode ter ofuscado a generalização que fez. São considerados

mecanismos envolvidos na formação dos estereótipos, citando memória, atenção, codificação das informações, afetos, auto-imagem e processos automáticos controlados. Esses mecanismos seriam agentes na categorização do outro, e por seguirem critérios diversos, tornam distinta a observação de cada um (PEREIRA, 2002 apud GUERRA, 2002, p1).

Já sobre conflitos e mal-entendidos P3 afirmou não ter havido nenhum, pois

“ela [a parceira] sempre procurava ter muito cuidado com o que dizia sobre o Brasil”.

Entrevista P3, *linha 31.*

Isto indica a consciência da parceira sobre o cuidado que se deve ter ao conversar com alguém de outra nacionalidade, pois é grande a possibilidade de se fazer algo errado sem querer/perceber/saber. Provavelmente, a parceira conhecia estereótipos sobre brasileiros, mas mostrava cautela ao se expressar.

O fenômeno que se estuda – a cultura alheia – não pode nem deve ser caracterizado objetivamente: o mais importante, portanto, é observar e registrar – respeitando sempre! – como esse fenômeno é representado na mentalidade nacional da comunidade da língua que se estuda”. (KRAMSCH; 1998 apud GODOI, 2007, p.1).

Para P3, a prática de Teletandem teve uma influência positiva na sua formação como professora de língua estrangeira:

“O teletandem foi essencial em minha formação. Pude trabalhar a língua em uso, a comunicação; aumentei o meu vocabulário; perdi o medo de falar em alemão”.

Entrevista P3, linhas 34 e 35.

Vemos em P3 uma tendência a considerar a língua uma unidade da cultura, sendo que citou como aproveitamento do Teletandem apenas fatores de fala, por isso, friso novamente, através de Godoi (2007),

Por trás desses procedimentos encontra-se a idéia ingênua de que uma língua não passa de uma coleção de etiquetas que são os nomes das coisas e de que basta memorizá-las, como memorizar também uma boa dose de desagradáveis tabelas de verbos irregulares, e passaremos diretamente à compreensão e produção de textos escritos e orais, ou seja, ao domínio da língua que estamos ensinando. Sabemos que uma língua é muito mais que léxico, estruturas e uma bonita pronúncia. E o falante de uma língua – como também o aluno que está aprendendo uma língua estrangeira, o aprendiz de falante – é muito mais que um aparelhinho que emite e recebe informações. Uma língua encerra em si mesma a história do seu povo, suas tradições, as características culturais de uma comunidade. Assim, o ensino de uma língua estrangeira tem que passar, necessariamente, pelo conhecimento da cultura. (GODOI, E, 2007, p.1).

#### **4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o apoio das linhas teóricas citadas, foram interpretadas as entrevistas. A proposta deste artigo foi analisar o resultado das interpretações como um todo, com o objetivo de mostrar que o processo dialógico com o nativo de uma determinada língua dentro do contexto de aprendizagem Teletandem é primordial para romper com os estereótipos e conflitos culturais e lingüísticos.

Obtivemos as seguintes respostas para nossa proposta de pesquisa:

- Os estereótipos estavam presentes em todas as entrevistas, em diferentes níveis e intensidades, porém com menor força do que na pesquisa anterior;
- A cultura alemã apresenta diferentes estereótipos das culturas mexicanas e argentinas, pelo fato de se localizar em outro continente, não participando assim da sociedade latina;
- Os estereótipos encontrados para os alemães pelos brasileiros, nesta pesquisa, foram dois: (a) os alemães são responsáveis e pontuais, (b) os alemães são pessoas frias (não receptivas), entretanto houve divergência para com esse último (pré)conceito;
- Nenhum estereótipo para os brasileiros pelas alemãs foi apontado, todas foram cautelosas na comunicação, não revelando ou realmente não tendo estereótipos para os brasileiros;
- Indo ao encontro da teoria de Byram y Zarate (1998) sobre “aprendizagem por meio da experiência”, o contexto de Teletandem parece ter proporcionado a todas as entrevistadas a possibilidade de ruptura de aprendizagem não só de língua, mas também de cultura, que dependia de cada uma das participantes desenvolver. Os estereótipos foram, aparentemente, vencidos, ou trocados por outros, menos negativos. Entretanto, isso só ocorreu por falta de negociação de significado entre os pares.

A aprendizagem no contexto de Teletandem é um contexto diferenciado dos demais por possibilitar a interação entre os aprendizes de L2 distintas com um respectivo nativo, abrangendo, assim, mais do que o ensino da língua, também o ensino da cultura.

Segundo DOURADO (2007),

No momento atual em que as distâncias entre nações estão cada vez mais curtas, é imprescindível uma proposta de educação lingüística que promova conscientização intercultural visando ao desenvolvimento de compreensão, tolerância e respeito à diversidade cultural, bem como à aceitação que o outro pode, na diferença, estar certo (Escalante & Dourado, 2006). Desta feita, uma prática intercultural de educação lingüística deve necessariamente estar comprometida com a mobilização de situações que favoreçam a compreensão, tolerância e respeito do desconhecido, i.e., da diversidade das formas de ver e experimentar o mundo. (DOURADO, 2007, p.11)

Essa pesquisa teve como objetivo averiguar essas características de promover conscientização intercultural dentro do contexto Teletandem, por meio da análise sobre a presença de conflitos culturais e estereótipos em três entrevistas com praticantes de alemão/português.

Um dos resultados deste estudo constatou presença de estereótipos em todas as entrevistas feitas, por parte dos brasileiros, e nenhum por parte dos alemães, segundo o ponto de vista dos participantes brasileiros, já que não foi possível realizar entrevistas com os parceiros alemães. Entretanto, os participantes brasileiros ora não perceberam que tinham uma visão estereotipada, ora não negociaram sua concepção, pois acreditavam que com as interações em si havia lhes mostrado a realidade geral do comportamento alemão, e não um particular. Deste modo, duas participantes chegaram a diferentes conclusões sobre o mesmo estereótipo: “a frieza dos alemães”. Para uma participante (P1) é um equívoco, que ela conserta fazendo um novo estereótipo (“os alemães são tão receptivos como qualquer outro povo”). Para outra participante, o “rótulo” é verdadeiro, devido às suas experiências específicas. O papel da experiência que se tem com o parceiro estrangeiro, portanto, tem certa importância na construção e definição desses estereótipos.

Como diz a citação acima, o mundo está cada vez mais interligado, as pessoas cada vez mais próximas e interligadas, é o momento oportuno para a disseminação do projeto Teletandem Brasil, que faz uso das novas tecnologias, internet e suas ferramentas, Windons Live Messenger, Skype, OOVVOO, entre outras, para suprir uma necessidade antiga, o ensino da cultura estrangeira como parte integrante da língua que é, promovendo, assim, uma tolerância maior ao diferente, respeito e aceitação do “outro” e maior desenvoltura para lidar com esses fatos. Principalmente no contexto em que está sendo pesquisa, durante a formação de futuros professores de português e língua estrangeira.

A interação depende da dialógica desenvolvida pelos participantes. Para que haja sucesso na parceria, ambos devem estar dispostos a ensinar, aprender e negociar as diferenças, o que pode significar um grande esforço para romper com antigos (pré) conceitos. Por meio da análise dos resultados, concluímos que o contexto Teletandem abre o espaço para tal discussão, mas depende dos parceiros a acatarem, além, obviamente, do aprendizado prático da língua. Os resultados desta pesquisa não foram totalmente ao encontro das teorias sobre a influência da mídia na formação dos

estereótipos, diferentemente da anterior. Pois, tanto as entrevistadas como suas parceiras (principalmente) tinham idéias próprias sobre o outro país, estereotipadas ou não, porém suas idéias se mostram mais neutras ou ao encontro do senso comum.

Portanto, embora o diálogo entre pessoas de diferentes nacionalidades requeira mais atenção e cuidado, são situações dialógicas, que dependem de duas vozes para funcionar, o “eu” e o “outro”, lançando mão do respeito e compreensão. Dentro do contexto Teletandem, essas dificuldades podem esclarecidas por sessões de orientações, com os orientadores, ou com o mediador.

Este projeto de iniciação científica, além ajudar o projeto Teletandem e os alunos que participam dele, também foi muito bom para minha formação, pois me ensinou a lidar com uma verdadeira pesquisa, com suas estruturas e dinâmicas, além de contribuir imensamente para minha formação acadêmica, pois me elucidou sobre vários assuntos básicos para meu curso, como as teorias de Bakhtin, por exemplo, me tornando assim, uma graduanda mais consciente, mais crítica e culta.

## **5 – BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, B. E. M. *Educação, ambientes virtuais e interatividade*. In: Silva, M. (org.), *Educação online*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. (pp. 201-215)

ALAMEIDA FILHO. J. C. P. de. *Alguns significados de ensino comunicativo de línguas*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Dimensões comunicativas do ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1993, cap. 6, p. 45-46.

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 2. ed. São Paulo: Editora Pontes, 1998.

ANDRADE, F. A; VICARI, M. R. *Construindo um ambiente de aprendizagem a distância inspirado na concepção sociointeracionista de Vygotsky*. In: Silva, M. (org.), Educação online. São Paulo: Edições Loyola, 2003. (pp. 255-272)

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

BYRAM, M. e G. ZARATE. *Definitions, Objectives and Assesment of Sócio-Cultural Competence*. Estrasburgo: Consejo de Europa. 1994

BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: Temas e situações*, São Paulo, SP: Ática, 1992.

BRAMMERTS, H. (1995). *Language Learning in Tandem. Definition, Tandem Principles, Tandem Organizer, Bibliography*. <http://www.slf.ruhr-uni-bochum.de/learning/idxeng11.html> Acesso em 18/08/2009

BRAMMERTS, H; CALVERT, M. *Aprender através da comunicação in tandem*. Tradução de Manuela de Carvalho Simões, pp. 37-52. In Delille, K. H. & Chichorro, A. *Aprendizagem autônoma de línguas em Tandem*. Coimbra: Edições Colibri, 2002.

DOURADO, M. R., POSHAR, H. A. *A cultura na educação lingüística do português como língua estrangeira*. Revisa Letra Magna, Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura – Ano 04 n° 06-1° semestre de 2007. [www.letramagna.com/culturaeduca.pdf](http://www.letramagna.com/culturaeduca.pdf). Acessado 23/07/2009.

FEATHERSTONE, Mike; *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*; Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. - São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

FEATHERSTONE, Mike (coord.); *Cultura Global: Nacionalismo, Globalização e Modernidade*; Tradução Attílio Brunetta. – Petrópolis: Vozes, 1999.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Editora Ática: 1988 (Série Princípios)

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara

Koogal, 1989.

GILROY, P. “The end of anti-racism”. In: Donald, J. e Rattansi, A. (orgs.) “Race”, *Culture and Difference*. Londres: Sage, 1992.

GODOI, E. *Pragmática: A cultura no ensino de línguas*. 2007.

<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/9/01.htm>. Acessado em 30/07/2009.

GUERRA, Paula Bierrenbach de Castro. **Psicologia social dos estereótipos**. *PsicoUSF*. [online]. dez. 2002, vol.7, no.2 [citado 14 Agosto 2009], p.239-240. Disponível na World Wide Web: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712002000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712002000200013&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1413-8271.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LUVIZARI, L. *Língua (gem), cultura e formação de professores nas interações via teletandem*. [http://www.teletandembrasil.org/site/docs/Newsletter\\_Ano\\_II\\_n\\_2.pdf](http://www.teletandembrasil.org/site/docs/Newsletter_Ano_II_n_2.pdf) Acessado em 08/07/2009.

MARTINS, E. J. *Enunciação e Diálogo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *A psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: Editora E.P.U, 2002.

SERRANI, Silvana. *Discurso e cultura no ensino de língua/ currículo – Leitura – escrita*, Campinas, SP: Pontes, 2005.

WOODIN, J. *Promover a competência intercultural na aprendizagem tandem*. Tradução de Viviane de Campos Figueiredo. In: DELILLE, K. H. & CHICHORRO, A.

(Coord.). Aprendizagem autônoma de línguas em tandem. Coimbra: Edições Colibri, 2002. (pp. 61-66)

## **6 – ANEXOS**

### **6.1 – Cronograma de atividades da bolsista**

Mês	Atividade
Março	Coleta de dados, monitoria no laboratório de teletandem.
Abril	Coleta de dados, monitoria no laboratório de teletandem, apresentações de sessões de orientação para os novos usuários e

	monitores do laboratório, participação como ouvinte do I Colóquio Bakhtiniano.
Maio	Coleta de dados, monitoria no laboratório de teletandem, leitura da bibliografia e apresentações de sessões de orientação.
Junho	Monitoria no laboratório de teletandem, transcrições das entrevistas, leitura da bibliografia.
Julho	Leitura da bibliografia e transcrição das entrevistas, participação do Curso de Aperfeiçoamento em Língua Alemã, construção do relatório.
Agosto	Leitura da bibliografia, monitoria no laboratório e construção do relatório.
Setembro	Finalização do relatório para entrega.

Quadro II

## 6.2 – Questionários

### **Questionário A - Perguntas da entrevista que será realizada ANTES do período de interação:**

1. - O quê você espera da sua parceria?
2. - Na sua opinião, qual é o possível conceito que o seu parceiro tem do Brasil e sua cultura?
3. - E como é o seu conceito sobre o país e cultura dele?
4. -\* Qual o seu interesse em aprender essa L.E.?
5. -\* Qual era o interesse do seu parceiro em aprender português?
6. -\* O que mais te chama a atenção em relação à cultura do seu parceiro?

As perguntas 4, 5 e 6 (marcadas com asterisco) foram retiradas do questionário realizado na pesquisa anterior, por ordem, 5, 6 e 8.

### **Questionário B - Perguntas da entrevista que será realizada APÓS o período de interação:**

O questionário a seguir é exatamente o mesmo da pesquisa anterior, com alguns pequenos ajustes apenas para se enquadrar, assim é possível manter uma linha de raciocínio mais linear e coerente, e resultados mais passíveis de comparação.

- 1 - Por quanto tempo você fez ou faz teletandem?
- 2 - Fale um pouco sobre o seu parceiro (idade, sexo, de onde era, profissão).
- 3 - Qual a causa de terem interrompido as interações?
- 4 - Como era/é a relação com seu parceiro?

- 5 - Qual o seu interesse em aprender essa L.E.?
- 6 - Qual era o interesse do seu parceiro em aprender português?
- 7 - Sobre o que vocês mais falavam em suas interações?
- 8 - Há algo que confunde/incomoda você no seu parceiro (a) ?
- 9 - O que mais te chamava a atenção em relação à cultura do seu parceiro?
- 10 - Sobre quais assuntos relacionados ao Brasil seu parceiro gostava de conversar?
- 11 - Alguma vez você se surpreendeu com algum comentário de seu parceiro em relação ao Brasil? Como foi resolvido está situação?
- 12 - Qual foi a contribuição do Teletandem na sua formação como professor de línguas estrangeiras?

### **6.3- Transcrições das entrevistas P1, P2 e P3.**

#### **Entrevista P1**

- 1 - Por quanto tempo você fez ou faz teletandem?
- 2 P1 - Por cerca de 1 ano.
- 2 - Fale um pouco sobre o seu parceiro (idade, sexo, de onde era, profissão)
- 4 P1 - D. K., 23 anos, estudante.
- 3 - Qual a causa de terem interrompido as interações?
- 6 P1 - Falta de tempo de ambas as partes.
- 4 - Como era/é a relação com seu parceiro?
- 8 P1 - Era ótima! Todas as interações eram feitas em total clima de descontração. Buscávamos a maneira mais divertida possível de esclarecer as dúvidas em qualquer
- 10 que fosse a L.E..
- 5 - Qual o seu interesse em aprender essa L.E.?
- 12 P1 - Sou professora de L.E., portanto tudo o que possa melhorar meu desempenho no idioma é útil. Além do mais, aprender e aprimorar meus conhecimentos numa L.E.
- 14 contribui para o conhecimento de novas culturas.
- 6 - Qual era o interesse do seu parceiro em aprender português?
- 16 P1 - O mesmo. Ela é uma estudante que deseja aprender o português como meio de conhecer melhor nossa cultura.
- 18 7 - Sobre o que vocês mais falavam em suas interações?

- 20 P1 - Sobre tudo. Falávamos sobre o cotidiano, sobre nossas vidas, sobre hábitos, convergências e divergências entre Brasil/Alemanha.
- 8 - Há algo que confundia/incomodava você no seu parceiro (a) ?
- 22 P1 - Não.
- 9 - O que mais te chamava a atenção em relação à cultura do seu parceiro?
- 24 P1 - O que mais me chamou atenção em minha parceira foi que desde a primeira interação o estereótipo de que os alemães são pessoas 'frias' foi quebrado. Os alemães
- 26 são tão receptivos quanto qualquer outro povo.
- 10 - Sobre quais assuntos relacionados ao Brasil seu parceiro gostava de conversar?
- 28 P1 - A vida universitária.
- 11 - Alguma vez você se surpreendeu com algum comentário de seu parceiro em relação
- 30 ao Brasil? Como foi resolvido esta situação?
- P1 - Nunca me surpreendi com qualquer comentário de minha parceira.
- 32 12 - Qual foi a contribuição do Teletandem na sua formação como professor de línguas estrangeiras?
- 34 P1 - Aprendi a ter desenvoltura na comunicação com um estrangeiro e a buscar novas formas de estabelecer tal comunicação.
- 36

## Entrevista P2

1 - Por quanto tempo você fez Teletandem?

2 P2 - Eu comecei no final do ano passado, mas com interrupções.

2- Fale um pouco sobre seu parceiro.

4 P2 - Eu comecei com uma parceira e agora estou com outra. A primeira parceira deu tudo certo, assim, questão de horário, em questão de afinidade, a gente estava indo muito bem, só que o problema é que ela começou a trabalhar o dia inteiro e não tinha mais tempo de fazer Tandem, Teletandem, aí a gente conversou e chegou num acordo que não dava mais para fazer. A sorte é que ela tinha uma amiga, que também estudava na mesma universidade e ela me indicou essa amiga, para fazer Teletandem, É... está legal também, gostei, estava com medo, por eu ter muita afinidade com a outra, com essa nova não conseguir interagir muito bem, mas está dando tudo certo

12 3- Qual a causa de terem interrompido as interações? Essa você já respondeu.

4 - Como era a relação de vocês?...Também já respondeu.

14 5 - Qual o seu interesse em aprender alemão?

P2 - Meu interesse?! Nossa... é... poder dar aula, porque eu...me identifiquei muito com a língua, descobri que eu também tenho família austríaca, depois, bem depois de começar a fazer alemão, poder dar aula e poder fazer projetos também com isso, meu projeto científico, ele é meio teatro, meio alemão também.

6 - E qual é o interesse dos seus parceiros, em aprender português?

20 P2 - Ham... é porque elas também fazem tradução, então elas já estudam português lá, então para praticar né, tanto...não só vocabulário, tal, melhorar a gramática.

22 7 - Sobre o quê vocês mais falam nas sessões?

P2 - Vida universitária! (risos) As diferenças daqui e de lá, assim, a minha primeira parceira... a gente, às vezes, combinava tema...é, a gente já falou de literatura, tal, mas agora essa nova parceira, a gente fala muito de vida acadêmica, as coisas que acontecem na universidade, as coisas que acontecem aqui e lá.

8 - E há algo que te incomode ou te confunde na sua parceira?

28 P2 - Não, a gente está com problemas de horário, assim, que eu entro em férias...

P - Mas e problemas de personalidade?

30 P2 - Não, não. É... foi muita identificação. Deu muito certo.

9 - O quê te chamava mais a atenção na cultura alemã?

32 P2 - Ow... (risos) nossa, o quê mais me chama?

P - O quê mais chamava e o quê chama.

34 P2 - Haham, ai...ai, difícil, não sei. Eu gosto muito da literatura alemã, que eu estou  
começando a ler agora, está me interessando mais ainda, e o costume, os costumes, que  
36 são bem diferentes dos nossos.

P - Você pode citar alguns? Você sabia falar “isso aqui é alemão”?

38 P2 - Ah ta. Eu acho que é um pouco do estereotipo mesmo, que a gente tem, tem muita  
coisa que é verdadeira, que a gente acha que é estereotipo, mas é muito verdadeiro, um  
40 pouco da frieza, assim, deles, em relação ao brasileiro que é feliz, contente. Eles são  
mais frios, assim, eu achei.

42 10 - E sobre quais assuntos relacionados ao Brasil sua parceira gostava de conversar?

P2 - Comida (risos). A gente falou bastante de comida, de música também, era mais isso  
44 que eles gostavam de saber.

11 - Alguma vez você se surpreendeu com algum comentário de seu parceiro em relação  
46 ao Brasil?

P2 - Não, acho que não.

48 P - Sobre estereotipo, carnaval, futebol?

P2 - Não, na verdade não. Elas têm uma visão bem realista mesmo, minhas duas  
50 parceiras...

P - Elas já vieram para o Brasil?

52 P2 - Uma já. A primeira veio, ficou um ano aqui, então ela já sabe bem o quê é o Brasil.  
A outra não, mas elas têm professores brasileiros né, então, mais fácil, abre os  
54 horizontes.

12 - E qual foi a contribuição do Teletandem para a sua formação como professora de  
56 língua estrangeira?

P2 – Ow, é... foi bem...é eu não dou aula de alemão ainda né, mas mesmo na fala, na  
58 questão de fala, me ajudaram muito a ....a saber organizar as frases, assim, que como eu  
estou no começo ainda é bem complicado, mas ajudou muito na organização, e prestar  
60 muita atenção no que eles falam. A primeira ela tinha uma didática bem legal, mesmo  
eu não querendo... mesmo eu não dando idéia, ela já me passava, “não, semana que  
62 vem vou te mandar uma música para gente ver , ou estruturas dos textos” tal. A primeira  
tinha uma didática bem melhor.

64 P - A segunda já é mais diferente?

P2 - É que com ela é conversação né. A primeira já dá aula, então ela já sabe mais ou  
66 menos.

### **Entrevista P3**

1 - Por quanto tempo você fez ou faz teletandem?

2 P3 - Fiz teletandem por 1 ano e meio.

2 - Fale um pouco sobre o seu parceiro (idade, sexo, de onde era, profissão)

4 P3 - Minha parceira tinha 23 anos na época, era da universidade de Johannes Gutenberg, de Gernsheim na Alemanha e fazia o curso de Tradução.

6 3 - Qual a causa de terem interrompido as interações?

P3 - Ela veio para o Brasil, como professora assistente de línguas. Além do português dela já estar em um nível bem avançado, com as aulas que ela tinha que dar sobrava pouco tempo para o teletandem.

10 4 - Como era/é a relação com seu parceiro?

P3 - A relação com meu parceiro sempre foi ótima! Enquanto fazíamos teletandem fomos construindo uma amizade muito grande. E hoje já nos tornamos amigas. Sempre que ela precisa de algo eu tento ajudá-la e vive-versa. Durante a estadia dela no Brasil ela veio algumas vezes na minha casa e pretende voltar ainda.

5 - Qual o seu interesse em aprender essa L.E.?

16 P3 - Tenho interesse em aprender alemão para fins profissionais, dar aula da língua e ir para a Alemanha.

18 6 - Qual era o interesse do seu parceiro em aprender português?

P3 - Ela trabalha com tradução em português e tinha interesse em vir para o Brasil.

20 7 - Sobre o que vocês mais falavam em suas interações?

P3 - Sobre datas comemorativas, questões culturais, gramática e sobre temas que surgiam durante as interações.

8 - Há algo que confunde/incomoda você no seu parceiro (a) ?

24 P3 - Não.

9 - O que mais te chamava a atenção em relação à cultura do seu parceiro?

26 P3 - Eles parecem ser muito responsáveis, pontuais.

10 - Sobre quais assuntos relacionados ao Brasil seu parceiro gostava de conversar?

28 P3 - Sobre tudo, assuntos culturais, literatura.

11 - Alguma vez você se surpreendeu com algum comentário de seu parceiro em relação ao Brasil? Como foi resolvido está situação?

P3 - Não, ela sempre procurava ter muito cuidado com o que dizia sobre o Brasil.

32 12- Qual foi a contribuição do Teletandem na sua formação como professor de línguas estrangeiras?

34 P3 - O teletandem foi essencial em minha formação. Pude trabalhar a língua em uso, a comunicação; aumentei o meu vocabulário; perdi o medo de falar em alemão.

36

38

40

42

44

46

48

50

52

54

56

58

60

62

64

GÓIS, E. R. As diferenças culturais no teletandem. Relatório final de bolsa PIBIC – Reitoria UNESP. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Orientador: Dr. João A. Telles, Departamento de Educação, 2009.